

La Comédiathèque

Depois de nós, o dilúvio!

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediathèque.net>

Depois de nós, o dilúvio!

Uma tragi-comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Numa Terra tornada inabitável devido ao aquecimento global, uma humanidade moribunda está a viver as suas últimas horas. Dois homens e duas mulheres estão prestes a partir numa nave espacial em direção a um planeta desconhecido que poderá servir como o seu último refúgio. A missão destes quatro "escolhidos": dar à Humanidade a oportunidade de se perpetuar depois de ter causado a sua própria extinção através da sua loucura autodestrutiva. Mas será que tal humanidade realmente merece ser salva? Nem todos concordam...

Personagens:

Orfeu

Eurídice

Adão

Eva

Elenco: 2 homens / 2 mulheres

© La Comédiathèque

ATO 1

A sala de controle de uma nave espacial chamada "A Arca" (o nome pode estar presente em um elemento da decoração ou nos trajes dos membros da tripulação). Em pé diante de uma mesa de controle eletrônica futurista equipada com uma tela, Eurídice está ocupada com manipulações misteriosas (ajustes, verificações, medições, etc.). Orfeu chega.

Orfeu – Como está o clima?

Eurídice – Os ventos ainda estão muito fortes na superfície do oceano. Seria suicida decolar agora.

Orfeu – Eu entendo... Mas a temperatura continua subindo. A água começou a ferver logo acima de nossas cabeças. Se esperarmos muito, nosso sistema de resfriamento não aguentará.

Eurídice – Já está bem quente... Mais alguma coisa?

Orfeu – Eu vi um vazamento no silo de lançamento. O concreto está rachado em dez metros e a água está fluindo pela fenda. Se a parede ceder de repente, acabaremos como lagostas cozidas em uma panela de água fervente.

Eurídice – Espera-se uma pausa em cinco ou seis horas. Temos que aguentar até lá, não temos outra opção...

Orfeu – Tudo bem. Vou ficar de olho nessa rachadura até então.

Eurídice – Infelizmente, não há nada a fazer no momento... *(Ela se afasta de sua estação de controle e se levanta de sua cadeira.)* Como chegamos a isso...?

Orfeu – Eu não sei.

Eurídice – Na verdade, eu não esperava uma resposta.

Orfeu – Eu sei...

Eurídice – Você acha que somos os últimos? Além de nossos dois colegas, é claro...

Orfeu – De acordo com as imagens fornecidas ontem pelos últimos satélites ainda em operação, não há mais terra na superfície do globo.

Eurídice – Então é isso... A crosta terrestre é apenas um oceano...

Orfeu – A temperatura do ar atinge centenas de graus. Mesmo aqueles que conseguiram subir a bordo de um navio não poderão sobreviver por muito tempo nessas condições.

Eurídice – Alguns submarinos nucleares, talvez, por um mês ou dois...

Orfeu – Mas, ao contrário de nós, eles não têm esperança de ir para outro planeta para escapar desse inferno.

Eurídice – A Terra era um paraíso. Esse inferno, nós o criamos.

Orfeu – Nem um pedaço a mais de gelo... Nem uma gota a mais de água doce... Nem um pedaço a mais de terra para pisar... E essa temperatura continua subindo. O processo está em curso. Desta vez é irreversível...

Eurídice – Nós deveríamos ter parado essa máquina infernal muito antes.

Orfeu – Sim... mas agora é tarde demais. Temos que pensar no futuro...

Eurídice – O futuro?

Orfeu – Goste ou não, este é o fim do nosso mundo. A única coisa que podemos esperar é salvar a nossa pele.

Eurídice – Nós causamos a extinção de todos os animais que viviam neste planeta. Agora é a nossa vez. Somos os últimos exemplares de uma espécie em perigo de extinção. E se morrermos sem descendência, a humanidade morrerá conosco.

Orfeu – "A Arca"... Pelo menos eles mantiveram o senso de humor até o fim...

Eurídice – Sinto-me como um daqueles animais que Noé levou com ele em sua arca, trancados em gaiolas...

Orfeu – A questão é se poderemos nos reproduzir em cativeiro...

Eurídice – E especialmente se encontrarmos uma nova terra acolhedora para reconstruir um embrião de civilização. Você realmente acredita nisso?

Eva entra.

Eva – Não temos escolha. Precisamos ter fé. Y214 é o único planeta capaz de nos receber a uma distância que podemos alcançar com esta nave. Se formos capazes de fazê-la decolar, é claro...

Eurídice – Um novo furacão está passando bem sobre nós. Teremos uma chance de decolar em algumas horas.

Eva – Dois homens e duas mulheres para salvar a Humanidade...

Eurídice – Sinto como se estivéssemos em um programa de reality show.

Eva – É estranho, fomos selecionados entre milhares de candidatos... Por que não me parece que ser um dos quatro finalistas seja sorte?

Orfeu – Você acha que "A Arca" pode nos levar até lá?

Eva – Como eu vou saber? Tudo isso é novo. Este foguete é um protótipo. É alimentado por reatores que usam tecnologia completamente nova, que supostamente nos permite viajar na velocidade da luz.

Eurídice – Mas essa tecnologia revolucionária não foi testada em condições reais antes.

Orfeu – Nunca enviamos uma nave tão longe com passageiros a bordo. Os voos tripulados têm estado abandonados por anos.

Eva – Não é suficientemente lucrativo.

Eurídice – E depois há a incerteza sobre uma hibernação tão prolongada. Será que nossos corpos resistirão? Os experimentos que testamos cobriram no máximo um ou dois meses. Aqui estamos falando de mais de dez mil anos.

Eva – Sim, no papel, é possível. Mas nem tenho certeza se quero que funcione.

Orfeu – Bem, eu quero... É nossa única chance de sobreviver. Embora seja uma chance muito fina, não tenho a intenção de deixá-la passar.

Eva – Sim...

Orfeu – Eurídice?

Eurídice – Isso é tudo o que nos resta. Melhor nos agarrarmos a essa esperança. Caso contrário, teremos que nos deixar morrer.

Eva – Eu me pergunto se não seria melhor. De qualquer forma, seria mais fácil.

Orfeu – Por favor, Eva, esqueça-se de si mesma. Vamos precisar que todos levem esta arca ao seu destino.

Eurídice – E é por isso que fomos escolhidos, certo? Temos uma missão!

Eva – Salvar a Humanidade...

Adão chega.

Adão – Mas a Humanidade merece ser salva?

Orfeu – Não se ponha assim!... Desculpe, Adão, mas só quero salvar minha pele. Então, debates filosóficos...

Adão – Se a Humanidade tivesse se preocupado um pouco mais com a filosofia do que com os lucros, não teríamos chegado a isso... É por egoísmo e ganância que o Homem cortou o galho em que estava sentado.

Eva – E acabou cortando a árvore inteira, e toda a floresta com ela, para fazer pasta de papel.

Adão – Mantendo a consciência tranquila com a desculpa de que esse papel seria reciclado.

Orfeu – Tudo bem, mas enquanto dizemos isso, o que fazemos? Se não decolarmos antes desta noite, todos nós estaremos mortos. Por que não tentar a sorte em outro lugar?

Adão – Mas você realmente acha que é uma oportunidade? Uma oportunidade para quem, em primeiro lugar? De qualquer forma, não para o planeta que planeamos colonizar.

Orfeu – Sorte para os quatro. Nossa última chance. E não temos tempo a perder com conversas desnecessárias.

Eva – Por enquanto, infelizmente... exceto esperar que o vento acalme, não há nada mais que possamos fazer no momento...

Silêncio.

Orfeu – Muito bem! Vamos conversar um pouco... Só para nos conhecermos... Não há mais nenhum ser humano nesta Terra além de nós, então é melhor nos darmos bem, não é? (*Pausa*). Aliás, Adão e Eva, Orfeu e Eurídice... São nomes fictícios, certo? Neste ponto, poderíamos nos chamar pelos nossos nomes reais, não acham? Bem, meu nome é realmente Orfeu, mas vocês? Quais são os seus verdadeiros nomes?

Um tempo.

Eurídice – Meu nome é realmente Eurídice.

Os outros dois permanecem em silêncio.

Orfeu – Tudo bem. Então, isso também será uma coincidência? Bem, eu vejo isso como um sinal, então... Adão e Eva, Orfeu e Eurídice... Estou satisfeito. (*Com um olhar fixo em Eurídice*) Eu me voluntario para repovoar aquele novo planeta.

Adão – Bem... Com um padrão assim, a humanidade está em maus lençóis para se regenerar.

Orfeu lança um olhar furioso.

Orfeu – Ei, ei... Quem ele pensa que é. Tenho um bom senso de humor, mas até certo ponto.

Ele avança ameaçadoramente, e o outro o encara.

Adão – Até o ponto em que são os outros que começam a ser engraçados? Na verdade, são apenas as suas próprias piadas de merda que fazem você rir, não é?

Eurídice intervém.

Eurídice – Vamos lá, gatinhos, vamos nos acalmar com o tema da testosterona, certo? Mesmo que chegarmos a esse planeta e ele for habitável, não será a Ilha da Tentação. Teremos muito o que fazer, especialmente para tentar sobreviver dia após dia em um mundo totalmente desconhecido.

Eva – Estou de acordo com Eurídice nisso. Na Terra, tudo parecia simples porque milhares de gerações nos transmitiram sua experiência, para distinguir plantas comestíveis de plantas tóxicas, animais inofensivos de animais perigosos, regiões hospitaleiras de áreas inabitáveis...

Eurídice – Teremos que reaprender tudo. O perigo estará por toda parte. Cada passo que dermos será um salto para o desconhecido. E como somos apenas quatro, não nos será permitido cometer erros.

Eva – Fomos selecionados por nossas habilidades em medicina, aeronáutica, astrofísica, biologia... Mas em um mundo totalmente novo e talvez hostil?

Orfeu – Sabemos coisas. Não estamos começando do zero. Não somos homens das cavernas.

Eva – Nosso conhecimento é puramente teórico. De que adianta saber como um carro, um computador ou um telefone funcionam quando não temos mais indústria para produzi-los?

Eurídice – Teremos que começar do zero. Aprender a construir uma cabana, caçar com arco, fazer fogo com duas pedras, acender com tochas...

Adão – E os homens das cavernas sabiam muito mais do que nós sobre isso.

Eva – Depois de duas ou três gerações, nossas belas lembranças do mundo anterior, completamente inúteis, se tornarão fabulosas histórias que nossos descendentes eventualmente esquecerão.

Adão – Ou começarão a distorcer e embelezar para criar uma nova Bíblia.

Eurídice – Adão e Eva, realmente é tentador...

Um tempo.

Orfeu – Tudo bem, então, vamos brincar de ser Robinsons. Todas as crianças sonham com isso, não é?

Eva – Sim... mas a ilha de Robinson estava na Terra.

Orfeu – Pelo menos não serei obrigado a fazer sexo com meu companheiro Sexta-feira. Se a ideia é perpetuar a espécie... Dois homens, duas mulheres, pelo menos são duas possibilidades, não?

Desta vez, Eva lhe lança um olhar profundo.

Eva – Se você não mudar um pouco o disco, acho que está condenado a ficar empoeirado pelo resto da vida. Com seu sistema de flerte, você deveria pensar em uma atualização imediata.

Orfeu – Tudo bem, então, sobre o que estávamos falando?

Eurídice – Se resumirmos a história da Terra a 24 horas, o homem nasceu dois minutos antes da meia-noite. E durante esses dois minutos, ele conseguiu tornar seu planeta inabitável. Vale a pena pensarmos um pouco nisso, não?

Orfeu – Mais cedo ou mais tarde, a Terra se tornaria inabitável de qualquer maneira. De qualquer forma, a longo prazo, é uma certeza, devido à explosão programada do sol.

Adão – Sim, mas em bilhões de anos. O homem teria morrido de velhice. O que estamos tratando aqui é um suicídio coletivo. O Homo sapiens tinha apenas 300.000 anos. Os dinossauros dominaram a Terra por quase 165 milhões de anos!

Eva – E eles não foram responsáveis por sua própria queda, destruindo diligentemente o planeta.

Eurídice – E depois, em alguns bilhões de anos, teríamos tido tempo de nos preparar. De organizar a mudança. Aí está a Balsa da Medusa.

Eva – E agora estamos brigando entre nós...

Eurídice – É realmente 100% seguro Y214?

Eva – Cem por cento, não. No papel, é um planeta gêmeo da Terra. Quase exatamente com as mesmas características.

Eurídice – Em teoria... Mas ninguém nunca foi verificar.

Adão – E então, mesmo no caso de esse navio funcionar perfeitamente, a viagem para um possível refúgio será muito longa e muito incerta.

Eva – Corremos o risco de colidir com um asteróide a qualquer momento.

Orfeu – Nada é certo até chegarmos lá, obviamente, mas a priori, todos os indicadores estão verdes, certo?

Um tempo.

Adão – E se o planeta habitável já estiver habitado?

Eurídice – Habitado?

Eva – Por seres inteligentes.

Orfeu – Se for o caso, provavelmente será uma civilização primitiva. Não houve sinais de vida avançada observados. Ondas de rádio, satélites artificiais, megalópoles emitindo luz ou calor...

Adão – Talvez sejam verdes...

Orfeu – Ou selvagens.

Adão – Selvagens?

Eva – Quando você olha o que os espanhóis fizeram com os incas quando desembarcaram na América... Sim, pode haver uma perspectiva de salvação. Mas a que custo? Concordo com Adão, a pergunta que devemos fazer é: a espécie humana merece ser salva?

Adão – Seria um favor ao mundo impedir que se salve.

Os outros três olham para ele preocupados.

Orfeu – O que você quer dizer com isso, especificamente?

Adão – A Humanidade de hoje é como uma planta que está prestes a morrer. Logo antes do fim, para perpetuar a espécie, lança seu pólen para o espaço, na esperança de colonizar outra terra depois de esgotar a sua.

Orfeu – Se começarmos a fazer metáforas agora...

Adão – Mas esta planta é venenosa, e nós somos as sementes ruins.

Eurídice – O que você está propondo exatamente?

Adão – Impedir essa polinização maligna. O futuro da Humanidade está em nossas mãos. Temos o poder de encerrar isso. E seria grandioso tomarmos essa decisão conscientemente.

Um silêncio mortal.

Orfeu – Eles escolheram quatro e tivemos que encontrar um iluminado! (*Orfeu procura o apoio de Adão e Eva.*) O que vocês acham? Concordam com o suicídio coletivo?

Eva – O suicídio coletivo... já aconteceu, não é?

Orfeu – Tudo bem, então há pelo menos dois na seita. E você, Eurídice?

Eurídice – Obviamente. Não podemos dizer que o histórico da Humanidade fala muito a seu favor. Mas aceitar morrer sem tentar nada... pode ser um pouco radical, não?

Eva – A Humanidade é como uma colônia de térmitas. Quando se instala em algum lugar, é para devorar a estrutura e ir embora quando a casa está prestes a desabar.

Orfeu – Bem, já que as metáforas não me importam, a Humanidade também não me importa. O que eu quero é salvar minha pele.

Adão – Não é tão simples. Ao salvar a pele, também corremos o risco de salvar a Humanidade.

Orfeu – Tudo bem... então, o que fazemos? Votamos? Cometemos suicídio ou tentamos sobreviver? (*Levanta a mão*) Estou a favor de arriscar. Quem mais?

Eurídice levanta a mão.

Eurídice – Eu sou a favor da vida. Custe o que custar. Mas sim, tenho medo de morrer.

Orfeu – Eva?

Eva – Sinceramente, considerando as chances de sucesso desta missão, me pergunto se vale a pena. Por que não aceitar nosso destino e morrer com os outros? Pelo menos que nossos restos descansem em nosso planeta de origem... perto do nosso.

Adão – Esta é também a minha opinião. Que o berço da Humanidade seja também seu caixão.

Orfeu – Tudo bem. Dois votos a favor da morte, dois votos a favor da vida... Avançamos muito... Mas, afinal de contas, se sua decisão final for morrer, vocês são livres. Não precisam ficar aqui. A escotilha de saída está ali.

Eurídice – A nave será muito mais difícil de manobrar com duas pessoas. Isso reduzirá ainda mais nossas chances de sobrevivência. Sem mencionar a Humanidade, é claro...

Adão – O que estamos discutindo não é salvar quatro vidas nem salvar duas. É dar um fim definitivo à história da Humanidade.

Orfeu – Espere, Adão, há um detalhe que me escapa... Fomos sorteados por um painel de cientistas para dar à Humanidade a chance de sobreviver. Se você queria morrer com os outros, por que se voluntariou?

Adão – Precisamente por isso. Para evitar que esse câncer envie suas metástases pelo universo.

Orfeu – Então, na verdade, você mentiu. Você é um traidor. Um infiltrado. Um espião do campo da derrota. E é você quem nos dá lições morais?

Adão – Aceito essa mentira. Quem quer o fim, quer os meios.

Orfeu – Tudo bem... (*Desafiador*) Mas você tem certeza de que tem os meios?

Eles estão se preparando para se enfrentar novamente, e Eurídice intervém novamente.

Eurídice – Não vamos brigar... Mas concordo com Orfeu em um ponto. E se quisermos viver? Você vai decidir por nós? O que você vai fazer? Nos matar?

Orfeu – Conhecendo um pouco, imagino que está pensando em algo mais retorcido. Como sabotagem, por exemplo. E se a fissura foi causada por ele?

Eva – Que fissura?

Orfeu – Éramos apenas quatro, e tivemos que encontrar um maldito terrorista.

Eurídice – É assim que você quer salvar o mundo, Adão? Se tornando um criminoso?

Adão – Eu preferiria convencê-los... Mas, caso contrário, saberei assumir minhas responsabilidades e carregá-las em minha consciência.

Eurídice – E você, Eva?

Eva – Não, eu só decidirei por mim mesma. Eu não me vejo como Deus. Aqueles que querem viver são livres para fazê-lo. Depende deles julgar se vale a pena...

Eurídice se aproxima do posto de comando a bordo.

Orfeu – Alguma novidade?

Eurídice – A previsão do tempo mudou um pouco. O vento já está diminuindo. Haverá uma pequena pausa em três horas.

Orfeu – É agora ou nunca. Uma oportunidade se abre, e esta será a última. Só temos tempo para nos prepararmos para o lançamento. E todos os que não estão comigo estão contra mim.

Orfeu desafia Adão com os olhos. Adão e Eva saem sem que ninguém saiba se é para preparar a partida ou expressar sua oposição. Orfeu e Eurídice trocam um olhar preocupado.

Orfeu – Não confio neles...

Eurídice – Eva não fará nada contra nós, mas ele...

Orfeu – Você acha que ele foi tão longe a ponto de sabotar a nave?

Eurídice – Ele é um idealista. É capaz de tudo.

Orfeu – Nesse caso, não temos outra opção.

Eurídice – O que você quer dizer?

Orfeu – São eles ou nós.

Eurídice – Nem pensar. Isso não é uma opção.

Orfeu – Lembre-se de que temos uma missão.

Eurídice – Mas não somos mais responsáveis perante ninguém, exceto nós mesmos.

Orfeu – Temos uma responsabilidade moral. Estamos comprometidos em salvar a Humanidade. Foi por isso que nos permitiram viver quando todos os outros já estavam mortos.

Eurídice – Responsabilidade moral? Não me faça rir. Você mesmo disse antes que só queria salvar sua pele...

Orfeu – Talvez eu, mas e você? Você também é uma idealista. O que está disposta a fazer para dar à Humanidade a chance de superar isso?

Eurídice – Não a matar, com certeza.

Orfeu – Posso cuidar disso. Não me importo de sujar as mãos, estou acostumado...

Eurídice – Mas se eu deixar você fazer isso, serei cúmplice.

Eurídice olha para os instrumentos a bordo.

Orfeu – Algum problema?

Eurídice – Um curto-circuito na sala dos propulsores... Impossível iniciar a ignição do reator número três.

Orfeu – Vamos precisar de toda a potência para escapar da atração da Terra... Pode ser reparado?

Eurídice – Talvez, mas precisamos agir rapidamente, caso contrário, perderemos a oportunidade.

Orfeu – E se foi ele?

Eurídice – Também pode ser apenas um incidente técnico...

Orfeu – Não precisamos matá-los. Podemos simplesmente... neutralizá-los.

Eurídice – Neutralizá-los?

Orfeu – Um bom comprimido para dormir, e os colocamos no congelador com um pouco de antecedência. Pelo menos nos deixarão em paz por alguns milhares de anos.

Eurídice – E como você fará eles engolirem o comprimido? À força?

Orfeu – Há uma garrafa de champanhe estragado na geladeira. Poderíamos bebê-lo para selar nossa grande reconciliação... Para celebrar nossa partida... ou nosso suicídio coletivo?

Eurídice parece hesitar.

Eurídice – Tudo bem... Mas cuide primeiro do curto-circuito.

Orfeu – Vou ver o que posso fazer...

Ele sai. Eurídice está ocupada com os controles. Eva retorna.

Eva – Acabei de encontrar Orfeu. Ele me contou sobre a falha de energia.

Eurídice – E, claro, você não teve nada a ver com isso.

Eva – Já respondi a você sobre esse assunto. Não farei nada para atrapalhar a missão. Mas se um acidente nos impedir de partir, isso definitivamente resolverá todos os nossos problemas...

Eurídice – E Adão?

Eva – O quê?

Eurídice – Você acha que ele poderia sabotar a nave?

Eva – Não sei... mas poderia entendê-lo.

Eurídice – Na verdade, acho muito... compreensiva com ele. Cuidado, Eva. Temos uma missão. Nossos sentimentos não devem interferir em nossas decisões.

Eva – Você está com ciúmes?

Eurídice – Não. Mas você terá que escolher o seu lado. Está conosco ou contra nós?

Adão retorna.

Adão – Bem, esta é a situação.

Eurídice – Porque você quis, certo?

Adão – Não estou a tornar isto uma questão pessoal, se é isso que quer dizer.

Eles olham um para o outro.

Eva – Uma questão pessoal? O que isso significa? Vocês conheciam-se antes de entrarem nesta nave?

Silêncio constrangedor.

Eurídice – Vou fazer-lhe a pergunta uma única vez, Adão, e não hesitarei na sua resposta. Foi você que causou o curto-circuito?

Adão – Não.

Eurídice – Está bem. É suficiente para mim.

Adão – Isso não significa que não me vou opor a esta saída, de uma forma ou de outra.

Eva parece desconfortável.

Eva – Vou ajudar o Orfeu, será mais rápido.

Ela sai.

Eurídice – Sabia que eu viajaria?

Adão – Não. Não com certeza. Mas não éramos muitos, e essa era uma possibilidade séria. Vi o seu nome na lista curta. Do ponto de vista científico, você tinha todas as qualidades necessárias. E estava muito próxima dos militares que nos governavam na altura...

Eurídice – Não me diga que fez tudo isto para se vingar de mim. E que, só pelo prazer de causar a minha queda, você estaria disposto a sacrificar toda a Humanidade.

Adão – Eu a amava, é verdade. Apaixonadamente. E não mudou.

Eurídice – Obrigada.

Adão – Não era um elogio. O seu ego ainda está... sobredimensionado.

Eurídice – Entre os homens, chamamos a isso ambição, acredito. E é considerado uma qualidade.

Adão – Sim... Além disso, é curioso.

Eurídice – O quê?

Adão – Todos esses preconceitos que a sociedade nos impôs. Sexismo, entre outros. Já não fazem sentido agora que a sociedade desapareceu por completo.

Eurídice – Infelizmente, enquanto houver um macho, não acabaremos com o machismo.

Adão – Tem razão. O verme está na fruta. Acabará sempre por comê-la por dentro. Está nos nossos genes.

Eurídice – Então, você acha que o homem é fundamentalmente mau?

Adão – Ele provou isso, não?

Eurídice – Alguns homens, talvez. Não todos.

Adão – Hitler, Pol Pot, Donald Trump...

Eurídice – Mozart, Picasso, Bob Dylan...

Adão – Sob certas condições, qualquer homem é capaz do pior.

Eurídice – Ou do melhor... Se Hitler tivesse passado no exame de admissão da Academia de Belas Artes de Viena... o curso do mundo poderia ter mudado.

Adão – Mas os homens ainda teriam acabado por tornar a Terra num campo de extermínio gigante.

Eurídice – Eu sinto pena de você, Adão. Como consegue odiar-se tanto a si mesmo?

Adão aproxima-se dela.

Adão – Se você me tivesse amado, talvez eu pudesse ter aprendido a amar-me um pouco também.

Eurídice – Então, na verdade, é culpa minha... O fim do mundo, tudo isso... É por minha causa, na verdade.

Adão – Talvez. Não apenas por sua causa, obviamente, mas por pessoas como você.

Eurídice – Pessoas como eu?

Adão – Aqueles que, ao longo dos séculos, ao escolherem viver uma vida despreocupada, levaram este planeta à sua destruição.

Eurídice – Está bem. Então, você é puro, se entendi corretamente. Você viveria constantemente preocupado, é verdade. Mas, pelo menos, conseguiu ser feliz, fechado na sua bolha? Não estou a falar de ser feliz durante toda a vida, mas desses pequenos prazeres que de vez em quando tornam a vida mais suportável. Foi feliz pelo menos uma vez na sua vida, Adão?

Adão – Não sei... Durante os poucos meses que passei com você, talvez.

Eurídice aproxima-se dele.

Eurídice – Também o amava. Talvez até mais do que você próprio se amava. Mas entre nós, não era possível funcionar.

Adão – Porquê?

Eurídice – Precisamente por isso. O mesmo que ainda nos separa hoje. Eu preciso acreditar em algo. Contra todas as evidências. Eu preciso de leveza. E você... nunca escapará da gravidade. (*Estão prestes a beijar-se, mas ela hesita*). Que tal se você me ajudar a fazer este foguete sair do chão?

Ela parece vacilar.

Adão – Desculpe, mas não... Não vou participar nisso.

Eurídice – Por isso lhe peço solenemente que não faça nada para o impedir.

Ela sai sem responder, cruzando-se com Orfeu, que regressa. Eles trocam olhares suspeitos.

Orfeu – Está feito, tudo resolvido. Felizmente, não foi difícil. Pelo menos desta vez...

Eurídice – O Adão jurou-me que não tinha nada a ver com isso.

Orfeu – Talvez ele esteja a mentir.

Eurídice – Não acredito.

Orfeu – Como pode ter a certeza?

Eurídice – Tenho as minhas razões...

Orfeu – Ele está apaixonado por você, certo?

Eurídice – Não se envolva nisto. Onde é que está a via de água no depósito?

Orfeu – Não está a melhorar, mas podem passar mais duas ou três horas.

Eurídice – Parece preocupado. Há mais alguma coisa que nos impeça de partir que não esteja relacionada com o foguete em si?

Orfeu – Nenhum animal marinho sobreviveu à temperatura. Todos estão mortos e os seus cadáveres flutuam na superfície. Até uma espessura de várias dezenas de metros em alguns lugares. Sem mencionar os vários detritos arrastados pelo oceano após a submersão de todas as terras habitadas. Autocarros, carros, contentores, troncos de

árvores, animais, seres humanos... Teremos de atravessar esta parede de detritos e carne em decomposição para chegar à superfície.

Eurídice – A estrutura do foguete não aguentará. O que sugere?

Orfeu – Mesmo antes do lançamento, enviarei um míssil para tentar fazer um buraco nesta parede que nos separa da superfície.

Eurídice – Temos mísseis?

Orfeu – Lembra-lhe que este programa foi lançado pelo exército.

Eurídice – Mas... por que razão mísseis?

Orfeu – No caso de os habitantes do planeta que estamos a colonizar não serem tão acolhedores como poderíamos esperar.

Eurídice – Já percebi... não sabia disso. E os outros dois, sabem?

Orfeu – Eu era o único que sabia. Até agora.

Eurídice – É melhor continuarem a não saber...

Orfeu – Sim, essa é também a minha opinião.

Eurídice – Parece saber muitas coisas que nós não sabemos... Quem lhe contou tudo isso? Afinal, você é um civil como nós. (*Orfeu não responde e parece um pouco envergonhado.*) Você não é um civil?

Orfeu – Eu fazia parte do exército, com a patente de coronel. Desde a morte accidental do general que deveria nos acompanhar nesta missão e pilotar esta nave, sou eu quem representa o governo militar nesta espaçonave.

Eurídice – O governo... Onde está, hoje, esse governo mundial? Alguns generais idosos designados para nos levar até a beira do precipício, mas em fileiras de dois, marchando em sincronia e calando a boca...

Orfeu – Ainda havia alguns resistente. Eu não tinha conhecimento de que você fosse um deles.

Eurídice – Como você sabe?

Orfeu – Eu estava bem posicionado para saber...

Eurídice – Entendo... Você fazia parte da polícia política, não é? Em resumo, você também é um infiltrado.

Orfeu – Isso é tudo literatura. Hoje estou aqui, quer goste quer não.

Eurídice – Sim... No lugar desse general... O que aconteceu a esse pobre homem, aliás? Não foi você que precipitou o seu fim, por acaso, para ocupar o seu lugar a bordo desta Arca de Noé?

Orfeu – Isso tudo não faz mais sentido de qualquer forma.

Um tempo.

Eurídice – Você está pelo menos seguro de que sabe como lançar um míssil, coronel?

Orfeu – Nunca servi em unidades de combate. Mas não precisa de ser assim tão complicado.

Eurídice – Então, não está aqui pelas suas habilidades científicas. Na verdade, você é o único dos quatro que não tem nenhuma habilidade especial.

Orfeu – Sou muito bom em bricolagem e tenho colhões. O marido ideal, não é? E vocês mesmos disseram, para sobreviver e se reproduzir em um ambiente hostil, serei tão útil quanto um doutorado em astrofísica.

Orfeu está ocupado em seu posto de comando.

Eurídice – Você acha que seu míssil pode funcionar para abrir caminho para as estrelas através do cemitério que está sobre nossas cabeças?

Orfeu – Veremos. Você tem outra opção?

Eurídice – Não.

Orfeu – Então, vá em frente, levante este maldito foguete do chão!

Eurídice (*ironicamente*) – Às suas ordens, coronel... Estou começando a lista de verificação. Então, podemos iniciar a contagem regressiva. Vou para a cabine superior. Você pode pedir para a Eva me substituir? Também é preciso monitorar o clima... e o nível de água no silo.

Orfeu – Você acha que podemos confiar nela?

Eurídice – Assumo a responsabilidade.

Orfeu – Vou lhe pedir para vir.

Ela sai. Eurídice se ocupa um momento com seus instrumentos. Eva retorna.

Eurídice – Obrigada. Vamos precisar de você para fazer esta nave decolar. Sou bióloga, não sou uma piloto de foguetes. Nem sequer tenho minha carteira de motorista.

Eva – A boa notícia é que, para onde vamos, provavelmente você não precisará mais dela. Supondo que um dia consigamos reconstruir um carro e uma estrada, não haverá policiais para dar multas.

Eurídice – O fim do mundo tinha que ter algumas vantagens...

Eva – Algum problema?

Eurídice – Na frente do Orfeu, finjo saber do que estou falando, dizendo palavras como "lista de verificação" e "contagem regressiva", mas a verdade é que não faço ideia de como fazer este foguete decolar. Você sabe?

Eva – Só tive algumas horas de treinamento, assim como você, pouco antes do centro espacial afundar. Mas bem... consegui guardar o manual de bordo.

Ela tira um folheto do bolso.

Eurídice – Se tivermos o manual de instruções, então... estamos salvos. E a humanidade conosco. Espero que seja mais simples do que um manual de montagem de móveis...

Elas se sentam uma ao lado da outra e começam a mexer nos controles enquanto ocasionalmente olham as instruções.

Eva – Acho que peguei a ideia geral. Afinal, não parece tão complicado.

Eurídice – Sim, foi o que o Orfeu me disse...

Eva – De quê?

Eurídice – Já não sei... Está bem, então confio em você... Posso a deixar sozinha por um momento? Preciso subir.

Eva – Eles dois já estão na cabine superior. Acha que eles precisam de você?

Eurídice – Não... Mas eu preciso urinar.

Eva – OK. Vá fazer xixi e nós salvamos o mundo depois. Posso lhe fazer uma pergunta primeiro?

Eurídice – Tudo bem, mas seja rápida... Eu lhe disse, é urgente.

Eva – Se o Adão tivesse um relacionamento comigo, você se importaria?

Eurídice – Se isso pudesse convencê-lo a não se opor à nossa missão, não hesite.

Eva – Mas isso a deixaria sozinha com o Orfeu...

Eurídice – Visto dessa forma, é verdade que... Orfeu é um idiota. E talvez até um bastardo. Mas pelo menos ele está vivo.

Eva – Sim. É engraçado. Só sobraram quatro na Terra, de repente você fica muito indulgente com os defeitos dos outros.

Eurídice – Está bem, agora realmente preciso urinar.

Eurídice sai. Adão retorna.

Adão – Então mudou de lado?

Eva – Não estou em guerra, Adão. Compartilho a sua análise. A humanidade provavelmente não merece viver. Mas os homens...

Adão – Que diferença você faz entre os dois?

Eva – Assim como você, eu odeio os piores crimes que a humanidade cometeu. Mas não consigo evitar amar certos homens... Como você, por exemplo.

Ele parece um pouco confuso.

Adão – Eu não sou o homem certo para você, acredite.

Eva – Sempre gostei de causas perdidas...

Adão – Você merece algo melhor do que eu, eu lhe asseguro.

Eva – Me mereço algo melhor que você, claro. Mas, você acredita que agora tenho outra opção? É você o Orfeu...

Adão – Visto assim, obviamente...

Eva – Essa é a sua ex?

Adão – Quem?

Eva – Eurídice! Só restam duas pessoas na Terra além de nós. A menos que você prefira homens... O que reduziria ainda mais as chances de sobrevivência da espécie humana.

Adão – Nós tivemos... um caso.

Eva – E não funcionou...

Adão – Eu estava casado na época, mas não com ela... E além disso, ela achou que eu era muito intransigente.

Eva – Sério...

Adão – Ela foi quem decidiu encerrar nossa... aventura.

Eva – Uma aventura? Sempre achei engraçada essa palavra para falar de um romance. Eu imagino um casal, na selva, abrindo caminho com um facão, tentando evitar todo tipo de perigo, para finalmente encontrar um tesouro enterrado em uma pirâmide inca.

Adão – Na maioria das vezes, quando se trata de adultério, consiste apenas em alugar um quarto pela internet em um hotel sórdido onde você pode pagar em dinheiro vivo.

Eva se aproxima dele.

Eva – Não sei se o amor é uma aventura... Com você, certamente.

Adão – Se nossa história de amor começasse naquele planeta desconhecido, poderia parecer com o que você está descrevendo. Eu Tarzan, você Jane. Mas não tenho certeza se tenho o perfil para interpretar o Tarzan...

Eva – Então você ainda está considerando a possibilidade de ter um caso comigo...

Adão – Estou pensando principalmente em acabar com tudo isso. Mas se sairmos daqui de qualquer maneira... Eurídice e eu terminamos. Como você disse, sendo quatro, não há muitas opções.

Eva – O que você está dizendo me comove. É muito romântico.

Adão – Nossa missão é a reprodução, não é?

Eva – Se é um dever para com a Humanidade, então não posso recusar...

Eva o abraça. Eurídice retorna.

Eurídice – Espero não estar interrompendo o início de algo...

Eva se recupera.

Eva – Dão uma previsão do tempo ideal em exatamente duas horas.

Eurídice – Aconselho você a dormir um pouco. Vamos precisar que todos trabalhem para fazer esta máquina decolar.

Adão – Você nos prefere dormindo, não é?

Eurídice – Prometo não tirar vantagem disso. Para matá-los, quero dizer...

Ela sai. Eva se aproxima novamente de Adão.

Eva – Pode ser a última vez, Adão. A última noite nesta terra. A última oportunidade para um homem e uma mulher provarem que o amor é mais forte do que qualquer outra coisa.

Adão – Por que eu deveria acreditar em você?

Eva – Eros e Thanatos, eles sempre andam de mãos dadas. Dizem que a perspectiva da morte faz as pessoas terem vontade de fazer amor.

Adão – Até parece que alguns enforcados começam a se dobrar enquanto balançam na ponta da corda.

Eva – Você sabe como falar com as mulheres. E ainda se pergunta por que Eurídice o deixou?

Ela segura a mão dele e eles saem.

Escuro.

ACTO 2

Orfeu e Eurídice estão instalados em seus postos e ocupados com os controles.

Eurídice – Para mim, todos os parâmetros estão corretos.

Orfeu – Para mim também. E não podemos esperar mais. A parede do silo de lançamento está prestes a ceder. A água está subindo a cada minuto. Já chegou ao fundo do foguete. Devemos iniciar a contagem regressiva.

Eurídice – Não deveríamos acordá-los antes?

Orfeu – Para reiniciar debates inúteis? Eles foram instruídos a deixar "A Arca". Agora, gostem ou não, estão indo em viagem.

Eurídice – Está bem. Ativando o protocolo. (*Realiza algumas manipulações.*) Aqui vamos nós... Estamos a apenas dez minutos antes da partida.

Orfeu – Estou lançando o míssil para limpar nosso caminho através deste monte de lixo.

Eurídice – Este monte de lixo, como você diz, também é composto pelo que resta de toda a humanidade.

Orfeu – Sim, é o que eu estava dizendo.

Eurídice – Continue.

Orfeu está ocupado em seu posto, sob o olhar preocupado de Eurídice.

Orfeu – Aqui vamos nós. Impacto em 75 segundos.

Eurídice – Está bem.

Orfeu – Você vai rir, mas eu não tinha certeza de como lançar esse míssil.

Eurídice – Você também vai rir, mas eu não estou certo de saber como fazer este foguete decolar...

Orfeu – Um minuto antes do impacto. Temos que esperar...

Um tempo.

Eurídice – Como diabos chegamos a esta situação?

Orfeu – Acho que você já disse isso. Eu lhe disse que não sabia e você disse que na verdade não era uma pergunta.

Eurídice – Como é possível que não tenhamos conseguido evitar isso? Essa é a verdadeira pergunta...

Orfeu – Houve múltiplas tentativas. No entanto, a cada passo, nos aproximamos desse anunciado fim do mundo.

Eurídice – A cada passo, as medidas tomadas se revelaram insuficientes. Medidas pela metade, feitas para resolver problemas que, entretanto, pioravam.

Orfeu – Quando realmente eram aplicadas. Todos os governos de todos os países do mundo estavam fazendo trapanças.

Eurídice – Diziam que tinham preocupações mais urgentes.

Orfeu – Como manter o crescimento da economia.

Eurídice – Alimentar o planeta.

Orfeu – Não incomodar demais os eleitores.

Eurídice – Até que as eleições foram canceladas.

Orfeu – Acho que o começo do fim foi quando Donald Trump chegou ao poder. Lembra-se?

Eurídice – Eu ainda não havia nascido... mas sim, me contaram.

Orfeu – A partir desse momento, tudo ficou realmente complicado.

Eurídice – Quando todos os idiotas que votam escolhem o mais idiota deles como rei, nada pode dar certo.

Orfeu – Depois disso, tudo aconteceu muito rapidamente. A guerra nuclear entre a Índia e o Paquistão, que marcou o início da Terceira Guerra Mundial... Fundamentalismos religiosos... Estabelecimento de ditaduras... Genocídios. Fome. A aceleração do aquecimento global. O aumento do nível do mar...

Eurídice – E então, tudo se tornou irreversível.

Orfeu – Nem mesmo sei exatamente quem iniciou este último programa que poderia nos salvar hoje.

Eurídice – O que eu acredito é que ninguém se lembrava deste programa. Esta é sem dúvida a razão pela qual, por um milagre, chegamos até aqui.

Orfeu – No começo, tratava-se de reconstituir uma nova Arca de Noé. E no final, descobrimos que somos apenas nós.

Eurídice – Tudo isso é tão absurdo. Que grande desperdício. Será que vale a pena ainda? Isso me dá vontade de chorar...

Orfeu também parece emocionado, pela primeira vez, e faz um gesto de consolo para Eurídice.

Orfeu – Vamos... Enquanto houver vida, há esperança.

Eurídice (*segurando as lágrimas*) – É uma loucura como esse tipo de frases estúpidas de repente ganha todo o seu significado em circunstâncias excepcionais...

Orfeu – Tenho mais se quiser...

Eurídice – Como quais?

Orfeu – É depois da festa que recolhemos o estrume.

Eurídice – Essa vai ter de me explicar...

Orfeu – Significa que...

Eurídice – Não, mas não agora. Agora temos de salvar a Humanidade.

Ouve-se um estrondo surdo.

Orfeu – O impacto aconteceu. O que é que isso indica?

Eurídice olha para o ecrã.

Eurídice – A camada de detritos está um pouco mais fina no local da explosão. Mas ainda está lá. Espero que seja suficiente.

Orfeu – Temos de descolar imediatamente, não temos outra opção.

Adão e Eva regressam.

Eurídice – Ah, aqui vêm Adão e Eva... *(Com ironia)* E então? Dormiram bem?

Adão – Fui acordado pelo estrondo de uma explosão. O que é isto?

Eurídice – Não sei...

Adão – Não me tome por parvo.

Orfeu – Lancei um míssil para abrir caminho entre os destroços que flutuavam à superfície.

Eva – Um míssil?

Adão – Não sabia que estávamos a bordo de um navio de guerra...

Orfeu – As caravelas de Cristóvão Colombo também estavam equipadas com canhões.

Adão – Portanto, também nos ocultou isso.

Eurídice – Eu não sabia, juro.

Adão – Oponho-me a esta saída. Recuso que a possível inauguração de uma nova Humanidade comece com o massacre dos habitantes do Y214. Porque imagino que também sabe que esse planeta é habitado.

Silêncio.

Eurídice – Orfeu? O que sabe que ainda não nos disse?

Orfeu – Um planeta habitável é necessariamente habitado. A natureza abomina o vácuo. Não sabemos qual é o grau de desenvolvimento dessa civilização, mas sim. Há algo.

Eva – Isso muda tudo.

Orfeu – Para mim, isso não muda nada.

Eva – Mas para mim sim.

Adão – Já não se trata apenas de encontrar refúgio para a Humanidade. Trata-se de colonizar um novo mundo, submetendo ou exterminando as populações indígenas.

Orfeu – E o que vai fazer para evitar isso?

Adão – Poderia matar-lo.

Orfeu – Mas não o fará.

Adão parece hesitar.

Adão – Estou a oferecer-lhe um acordo.

Orfeu – Não me diga...

Adão – Não me oponho a esta saída. Já que é isso que vocês três querem, aceito deixar-vos partir. E até ir convosco e fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que esta viagem seja um sucesso.

Orfeu – Mas...

Adão – Exijo que nos livremos de todos os mísseis antes de partir.

Eva – Eu também. Se sobrevivermos, recuso-me a permitir que seja à custa de outro massacre.

Eurídice – Estou de acordo. Não podemos reconstruir uma civilização sobre os destroços de uma que teríamos destruído para ocupar o seu lugar.

Eva – Tentaremos chegar a um acordo com a população nativa. Caso contrário, seremos nós a perecer.

Orfeu parece hesitar.

Orfeu – Está bem.

Adão – Começa a lançá-los agora.

Orfeu – Está bem. Isto é o apocalipse. De qualquer forma, temos de abrir caminho através de todos os detritos. E o primeiro tiro não foi suficiente.

Orfeu manipula os controlos.

Eva – Que desperdícios?

Eurídice – Eu vou-lhe explicar...

Orfeu – Impacto em dez segundos. Estou a melhorar...

Silêncio mortal. Ouvem-se alguns estrondos ao longe.

Eurídice – E então?

Orfeu – Acho que agora o caminho está livre.

Eurídice – Perfeito... Partida em quatro minutos e vinte e um segundos.

Adão – Isso não é tudo.

Orfeu – O que mais resta?

Adão – Que todos nós sobrevivamos não me parece um problema.

Orfeu – Obrigado pela sua generosidade.

Adão – Desde que a humanidade desapareça connosco.

Orfeu – Então... O que está a propor?

Adão tira um frasco e entrega-o a Orfeu.

Adão – Esterilização química definitiva.

Orfeu – Isso é uma piada?

Adão – Sou médico, sabe. Este produto foi desenvolvido para limitar os nascimentos na Índia. É absolutamente indolor e cem por cento eficaz.

Eurídice – Não tem graça, Adão.

Adão – Não é uma piada.

Eva – Está a ir longe demais.

Adão – Sempre achei que a humanidade não merece existir. Hoje, a sua sobrevivência está nas minhas mãos. Não vou perder esta oportunidade única de acabar com a raça humana.

Orfeu – E não encontrou nada melhor?

Adão – Uma simples promessa não me serve. Sou médico, posso realizar a minha própria esterilização e a de Orfeu.

Orfeu – Então... Quer castrar-me? Pensa que é veterinário e eu sou um cão?

Eurídice – Acho que ele se acha Deus. Esse sempre foi o seu problema.

Adão – Eu só falei de esterilização... Continuará a ser um homem, não se preocupe.

Orfeu – O senhor é muito generoso...

Eva – Enlouqueceu, Adão. Como é que lhe ocorre semelhante horror?

Eurídice – Não, Adão, não aceitaremos viver como os últimos dos moicanos. Se isso tiver de acontecer, acontecerá. Mas não pode ser uma escolha. Em todo o caso, não é comigo. Sim, a humanidade é capaz do melhor e do pior. Chama-se liberdade. E não encontramos nada melhor do que a liberdade para tornar a vida digna de ser vivida. O que prefere? Que só sejamos guiados pelos nossos instintos, como os animais? Que todos sejamos perfeitos, como só os robôs podem ser? Sim, se a Humanidade persistir, certamente cometerá os mesmos erros. As mesmas atrocidades.

Adão – Mesmo Auschwitz?

Eva – Talvez Auschwitz... Talvez não. Chama-se livre arbítrio. E é próprio do homem.

Adão – Está bem, tivemos a opção de tornar esta terra um paraíso ou um inferno. E o que fizemos?

Orfeu tira uma pistola com um aspeto futurista.

Orfeu – É suficiente.

Eurídice – Onde arranjou a arma?

Orfeu – Quer morrer? Vou tornar os seus desejos realidade. Mas não nos impedirá de viver.

Adão – Tem a certeza de que sabe como usar isso? Cuidado, pode magoar-se...

Eurídice – Ele não está a brincar, Adão. Sabe como usar uma arma e já a usou para eliminar aqueles que se atravessaram no seu caminho. Foi membro da polícia militar.

Adão – Um polícia, devia ter imaginado...

Orfeu aponta a sua pistola para Adão.

Eva – Não dispare! Ele está louco, mas não merece morrer. E se o fizer, não será melhor do que ele.

Eurídice – Você vai matá-lo e depois, o que vai fazer? Também nos vai matar a nós?

Eva – Quando for o último representante da espécie humana no universo, e não houver ninguém para o contradizer, acha que estará mais adiantado?

Eurídice – Não podemos dispensá-lo, Orfeu. Não podemos dispensar ninguém. Duas casais é o mínimo para termos esperança de salvar a espécie humana.

Eva – E simplesmente para sobreviver num ambiente muito difícil. Acha que somos demasiados?

Eurídice – Lembro-lhe de que é médico. Pode arrepender-se de o ter matado no dia em que se magoar ou ficar doente.

Orfeu parece hesitar.

Orfeu – Tem sorte por ter o seu clube de fãs... Amarre-o.

Eurídice aproxima-se para o amarrar.

Eurídice – Desculpe, não nos deixa escolher.

Orfeu – De qualquer forma, temos de agir rapidamente agora. Onde está a contagem decrescente?

Aproveitando um momento de distração, Adão avança sobre Orfeu e, após uma breve luta, consegue arrancar-lhe a pistola, com a qual aponta.

Adão – Pára imediatamente o protocolo de saída. Não vamos a lado nenhum.

Eurídice manipula alguns botões.

Eurídice – Procedimento interrompido.

Adão aponta a sua arma para Orfeu.

Eva – Não dispara!

Adão – Dá-me uma boa razão para não disparar!

Eva – Estou grávida.

Adão, que estava a olhar para Orfeu, vira-se para Eva.

Adão – Dele?

Eva – Não, não dele! Me imagina ter relações com este idiota?

Orfeu – Obrigado...

Adão – De mim?

Eva – Apenas acabei de ter relações com você. Como eu poderia dizer que já estou grávida? Tem a certeza de que é mesmo médico?

Orfeu – Olha... Ele queria esterilizar-me e já engravidou metade da tripulação...

Adão – Então, de quem é que está grávida?

Eva – Só do meu marido. Ele tinha de ir comigo. Morreu há três semanas. Foi você que o substituiu....

Orfeu – Mas quando diz que ele o substituiu, quer dizer...?

Eva – Cale-se, senão juro que sou eu que o mato.

Orfeu não encara esta ameaça de ânimo leve. Adão está inquieto.

Orfeu – Desde quando sabe disso?

Eva – Há um mês. Dadas as circunstâncias, não achei necessário informar-vos.

Eurídice – É um sinal, Adão. Vai condenar esta criança ou vai dar-lhe a oportunidade de viver? Você é médico...

Adão hesita antes de baixar a arma.

Adão – Está bem, vou cooperar... De qualquer forma, temos muito poucas hipóteses de sobreviver, mesmo que unamos as nossas forças.

Eurídice – Estou a reiniciar o protocolo.

Eva – Vou para a cabine superior.

Adão – Vou acompanhá-lo.

Saem. Os outros dois começam a trabalhar para se prepararem para a descolagem.

Orfeu – Então, Adão e Eva são um casal. Tinha de acontecer.

Eurídice – Sim. Mas Eva já está grávida, e Adão não é o pai. Não é muito católico tudo isto...

Orfeu – Jesus também não era filho do seu pai.

Eurídice – E pensar que essa gente nos dera sermões até ao fim...

Orfeu – De qualquer forma, agora não temos outra opção... quer dizer, nós dois...

Eurídice – Esta é a pior declaração que já ouvi.

Orfeu – Orfeu e Eurídice, fomos feitos para nos conhecer, não é?

Eurídice – Mas se bem me lembro, Orfeu e Eurídice não tiveram um final feliz...

Orfeu – Ah, sim? Olha para onde estamos...

Eurídice – Tem razão... Uma história que começa tão mal como a nossa, será que realmente pode acabar pior?

Fica escuro.

ATO 3

Orfeu, Eurídice, Adão e Eva estão nos seus lugares, concentrados nos preparativos para a descolagem.

Orfeu – Desta vez, estamos quase lá. Este é o momento da verdade.

Eva – Trinta segundos antes da descolagem.

Efeitos especiais de luz e som para marcar o disparo.

Eurídice – Os quatro motores estão ligados.

Orfeu – Todas as luzes estão verdes.

Eva – Lá vamos nós.

Adão – O foguete saiu do silo.

Eurídice – Estamos a acelerar.

Eva – Estamos a menos de cem metros da superfície.

Eurídice – Vamos atravessar a camada de detritos que ainda flutua sobre nós. Vai tremer um pouco...

Novas perturbações.

Orfeu – Passamos o obstáculo. Estamos na atmosfera terrestre!

Eurídice – Espero que a estrutura não tenha sofrido muito e que a cabine não esteja danificada.

Adão – Todas as configurações estão corretas. Estamos a ganhar altitude.

Eva – Estamos a cinco mil pés.

Eurídice – Estamos a deixar a atmosfera da Terra.

Momento de emoção, trocam um olhar de alívio e seriedade.

Adão – Contemplem o planeta que deixamos. A Terra, que transformamos num cemitério gigantesco, é a última vez que a vemos.

Eva – E os nossos filhos nunca a verão novamente.

Eurídice – Pelo menos não durante centenas de gerações. Não antes de os humanos, se sobreviverem, poderem reconstruir um dispositivo como este.

Orfeu – Isso exigirá a reconstrução de uma civilização. Uma indústria.

Eva – Teremos de garantir que essa revolução industrial não nos leve à beira do mesmo precipício.

Orfeu – Já deixamos a atração da Terra. Vou ligar a gravidade artificial.

Eurídice – A Terra já está muito longe. Vamos passar pela altura da lua.

Eva – O destino da humanidade está nas nossas mãos.

Adão – Para o bem ou para o mal. Depende da nossa escolha.

Mesmo Orfeu parece comovido. Aproxima-se para estender a mão.

Orfeu – Sem ressentimentos, doutor.

Adão concorda em apertar a mão.

Adão – Pode contar comigo.

Eva – Não temos escolha, teremos de chegar a um acordo.

Orfeu – Estou consciente da nossa responsabilidade. Também perdi toda a minha família. Os meus amigos.

Adão – Teremos de escrever tudo isto num livro, para as gerações futuras. Para evitar que cometam os mesmos erros.

Eurídice – Mas acreditarão em nós?

Eva – Na verdade, tudo, tudo o que nos está a acontecer já estava escrito na Bíblia. O Dilúvio, a Arca de Noé...

Eurídice – Considerávamos isso como contos de fadas...

Eva – Mesmo sem acreditar em Deus, deveríamos ter compreendido o significado simbólico desse livro que nos chegou desde os primórdios dos tempos.

Adão – Temos de garantir que a nossa mensagem chegue intacta àqueles que nos sucederão, daqui a milhares, senão milhões de anos. Mas como?

Orfeu – Não sei.

Eurídice volta ao seu posto de comando.

Eurídice – Liguei o piloto automático.

Orfeu – Conseguí guardar uma garrafa de champanhe russo.

Eurídice lança-lhe um olhar de reprovação.

Eurídice – Você acha mesmo que há motivo para celebrações?

Orfeu – Tem razão, brindaremos quando chegarmos.

Eva – Agora temos de ir para as câmaras de hibernação. Para poupar as nossas reservas de oxigénio. Vamos precisar delas à chegada.

Adão – Se acordarmos algum dia. Porque muitas coisas podem acontecer durante uma viagem de alguns milhares de anos, numa nave que viaja à velocidade da luz.

Eurídice – E em caso de acordarmos, resta saber se será no céu ou no inferno...

Eva – Entretanto, é o computador de bordo que lidará com qualquer problema que possa surgir e tomará decisões por nós.

Adão – Esperemos que ela, pelo menos, não se engane.

Eurídice – Então é hora de dizer adeus.

Eva – Ou até logo...

Abrçam-se.

Adão – Boa sorte.

Eva – E pela graça de Deus.

Adão – Eu não acredito em Deus. Mas espero que Ele acredite em nós.

Eurídice – Em breve saberemos.

Adão – Então vemo-nos... em dezasseis mil anos. Pode ser...

Escuro.

ATO 4

Adão e Eva acordam lentamente do seu sono.

Eva – Adão?

Adão – Eva?

Eva – Está bem?

Adão – Parece-me que sim.

Eva – Ainda bem, ainda estamos vivos.

Adão – Sim... Bem, acho que sim...

Eva – É estranho. Sinto-me ótima.

Adão – Eu também. Nunca me senti tão bem.

Eva – Talvez não tenha funcionado...

Adão – O quê?

Eva – A hibernação. Quanto tempo dormimos?

Adão – Não sei... tenho a sensação de ter dormido uma hora.

Eva olha para um mostrador.

Eva – Dormimos exatamente... dezasseis mil duzentos catorze anos, sete meses, três semanas, dois dias e uma hora.

Adão – Oh, bem, de qualquer forma...

Eva – Isso é o que se chama de dormir até tarde.

Adão – Não lhe perguntei que dia é.

Eva – Na Terra, seria sexta-feira.

Adão – Mas isso... não significa nada de todo.

Eva – O nosso planeta de origem está a milhares de anos-luz de distância, e é provável que toda a vida tenha desaparecido da sua superfície.

Adão – Já chegamos ao nosso destino?

Eva – Não completamente. Supõe-se que o computador de bordo nos despertaria quando nos aproximássemos deste novo sistema solar, 24 horas antes de entrarmos na atmosfera de Y214.

Adão – E os outros dois?

Eva – Aparentemente, ainda estão a dormir.

Adão – Seria um bom momento para nos livrarmos dele. (*Eva lança-lhe um olhar de desaprovação.*) Estou a brincar.

Eva – Vamos esperar um pouco mais. A criónica é um processo muito delicado. É melhor não nos apressarmos.

Adão – E o seu filho? Ele ainda está a mexer-se também.

Eva – Era apenas um embrião quando congelámos a mãe dele há dezasseis mil anos. Ele não se mexerá por um tempo.

Adão – A gestação mais longa da história da humanidade... Como o vamos chamar?

Eva – De certeza que não Caín. Mas ainda temos de encontrar um lar para ele.

Adão – Y214... Teremos de lhe dar um nome também, para o nosso planeta...

Eva – De qualquer forma... É um momento extraordinário. Pela primeira vez, os humanos entrarão em contacto com uma forma de vida completamente desconhecida.

Adão – É emocionante, é verdade. E também assustador...

Eva – Tenho a sensação de ser Cristóvão Colombo umas horas antes de desembarcar na América.

Adão – A América era o mesmo planeta, afinal de contas.

Eva – Seremos capazes de nos adaptar?

Adão – E o planeta e os seus possíveis habitantes serão capazes de se adaptar a nós? Mesmo que seja apenas pelos vírus que inevitavelmente levamos connosco.

Eva – Em breve saberemos.

Adão – Podia ter sido um evento maravilhoso. Mas o homem teve de acabar com a Humanidade para chegar a isso.

Eva – Estamos a aproximar-nos do primeiro planeta deste sistema solar. Aparentemente, é completamente inabitável. Está demasiado longe da sua estrela.

Adão – Tudo indica que Y214 é bastante habitável. A atmosfera e a gravidade são muito semelhantes às da Terra. Um pouco menos de peso. Mas é diminuto.

Eva – Como perder alguns quilos sem esforço... Basta mudar de planeta.

Adão tem um gesto ternurento em relação a ela.

Adão – Você está ótima assim. Dezasseis mil anos e nem uma ruga...

Eva – Obrigada...

Beijam-se.

Adão – Talvez devêssemos acordá-los.

Eva – Vai em frente... Eu vou supervisionar a navegação. Estamos a chegar ao nosso destino final... Se o computador não nos perdeu pelo caminho. O sistema de rastreamento está inoperante neste momento...

Adão aproxima-se do compartimento onde Eurídice está.

Adão – Sinto que vou acordar a Bela Adormecida.

Eva – Proíbo-lhe de a beijar...

Ele inclina-se sobre a cápsula.

Adão – Não...

Eva – O quê?

Adão – Não há ninguém na cápsula.

Eva – Não é possível...

Eva aproxima-se da cápsula onde Orfeu deveria descansar.

Eva – Ninguém aqui também...

Adão – Já estão acordados?

Eva – Pode ser que estejam lá em cima...

Adão – Vou verificar.

Eva – Não me deixe sozinha por muito tempo, porque é realmente assustador. Não quer que eu venha com você?

Adão – Alguém tem de manter o controlo.

Ele sai. Eva está ocupada com os comandos. Parece surpreendida, depois preocupada. Ela opera vários instrumentos a bordo.

Eva – Droga...

Adão regressa após algum tempo, com uma expressão derrotada.

Eva – Então?

Adão – Sim, eles estão lá em cima...

Eva – Mas...?

Adão – Estão mortos.

Eva – Mortos? Diga-me que não teve nada a ver com isto.

Adão – Não tenho nada a ver com isto.

Um momento.

Eva – Mas como é que eles estão mortos? Desde quando?

Adão – Não sei ao certo. Obviamente, foi há muito tempo. Não vou lhe dar detalhes...

Eva – O que pode ter acontecido?

Adão – Não sei. Algo deve ter corrido mal na hibernação deles. O processo foi interrompido acidentalmente. Provavelmente acordaram quando a nave estava a meio caminho.

Eva – Impossível voltar atrás, e uma espera muito longa para chegarem vivos ao seu destino.

Adão – Sobreviveram por algum tempo, alguns meses, alguns anos, e depois morreram.

Eva – Não conseguiram voltar à hibernação. Morreram de velhice.

Adão – É loucura... Podiam ter nos acordado... Nos matado... Só havia duas cápsulas em funcionamento.

Eva – Podiam ter nos sacrificado para ocupar o nosso lugar.

Adão – Não o fizeram. Deixaram-nos dormir durante dezasseis mil anos.

Eva – Vê? Às vezes, os seres humanos são capazes de fazer o melhor.

Adão – Sim... A menos que tenha sido ela quem o impediu.

Eva – Nunca saberemos exatamente o que aconteceu.

Adão – Pelo menos espero que encontremos uma terra para enterrá-los.

Um momento.

Eva – Então agora estamos realmente sozinhos no universo... Sozinhos com esta criança que carrego no meu ventre.

Adão – Felizmente, não é meu. Se fizermos outro filho e contarmos com eles para perpetuar a espécie, pelo menos será apenas metade de um incesto.

Eva – No ponto em que estamos, já não importa.

Adão – No seu tempo, a Bíblia não era tão cuidadosa com este assunto... Para perpetuar a espécie, os filhos de Adão e Eva tiveram que casar, certo?

Eva continua a olhar para os seus instrumentos.

Eva – Há algo que não entendo.

Adão – O quê?

Eva – Não estamos onde deveríamos estar.

Adão – Então, onde estamos?

Eva – Os instrumentos de medição e navegação já não funcionam. Estamos quase sem eletricidade. Impossível saber onde estamos.

Adão – E para onde estamos indo...

Eva – Então, o que fazemos?

Adão – Só temos de esperar. O piloto automático ainda está funcionando. Veremos para onde ele nos leva.

Eva – Espero que seja seguro...

Escuro.

ATO 5

Adão e Eva estão instalados em seus postos de controle. Eles estão concentrados em suas tarefas e parecem preocupados.

Eva – Acabamos de entrar na atmosfera deste planeta desconhecido. E estamos nas garras de sua atração.

Adão – Embora a maioria de nossos instrumentos não esteja funcionando no momento, o procedimento de aterrissagem automática parece estar avançando normalmente.

Eva – Consegui consertar um dos painéis solares. As baterias estão começando a recarregar. Não deve demorar para recebermos informações.

Adão – Já era hora, porque o terreno está se aproximando rapidamente.

Eva – Se aterrissarmos em um planeta morto, será o fim. Ficamos sem combustível, será impossível ir a outro lugar. Este planeta será nosso refúgio ou nossa sepultura.

Adão – Espero que seja o Y214...

Eva – Seria um milagre se o computador de bordo encontrasse outro planeta habitável.

Adão – Estamos a apenas 10.000 metros da superfície. Começamos a distinguir algo a olho nu.

Eva – Parece um grande oceano, com algumas áreas terrestres.

Adão – Resta saber se este oceano é composto de água, se esta atmosfera é respirável e se esta terra é habitável.

Eva – Habitável para seres humanos como nós, quer dizer. Este planeta pode ser habitado por uma forma de vida que soube se adaptar a ele, mas seria totalmente inabitável para organismos como o nosso.

Adão – Há algumas manchas de cor. Principalmente verde.

Eva – Vegetação?

Adão – Talvez. Se houver vegetação, pode haver também animais.

Eva – Talvez até uma forma de vida inteligente.

Adão – Por inteligente, quer dizer uma espécie como a nossa, capaz de destruir o próprio planeta natal em questão de séculos?

Eva – Vamos dizer então uma espécie racional.

Adão – Estamos começando a ver os detalhes.

Eva – Sim, é isso mesmo. Um oceano imenso, salpicado de ilhas, com uma exuberante vegetação.

Adão – Não se veem vestígios de civilização...

Eva está olhando para uma tela.

Eva – É isso, as baterias estão carregadas o suficiente. O computador de bordo está começando a enviar informações.

Adão – E então?

Eva – É incrível como este planeta se parece com a Terra.

Adão olha a tela por cima do ombro de Eva.

Adão – Tem exatamente as mesmas características.

Eva – Sim... Parece ter uma compatibilidade de 99%. É incrível...

Adão – Há algum problema?

Eva – Se quisermos...

Adão – O quê?

Eva – O computador finalmente conseguiu nos localizar.

Adão – E?

Eva – Não estamos onde deveríamos estar.

Adão – Não estamos no Y214?

Eva – Enquanto dormíamos, o computador de bordo deve ter julgado que o planeta para o qual estávamos apontando era, em última instância, inabitável. E decidiu mudar o plano de voo.

Adão – Ou foram eles...

Eva – Eles?

Adão – Orfeu, Eurídice... Devem ter percebido que esta jornada nos levaria à morte e mudaram nossa rota.

Eva – Nesse caso, eles decidiram voltar.

Adão – Voltar?

Eva – Este sistema é o nosso sistema solar. O planeta que passamos antes é Netuno. E nosso destino é a Terra.

Adão – A Terra?

Eva – Vamos pousar em alguns minutos. Após uma viagem de dezesseis mil anos pela galáxia.

Adão – Tudo isso para isso... Então finalmente, voltamos a morrer nesta terra onde nascemos...

Eva – Não tenho certeza...

Adão – O quê?

Eva – De acordo com as informações que estou recebendo, durante esses dezesseis mil anos, o planeta voltou a ser habitável.

Adão – A Terra não é mais apenas um vasto oceano. Podemos claramente distinguir uma fileira de ilhas.

Eva – As calotas polares se recuperaram um pouco nos polos.

Adão – Qual é a temperatura no solo?

Eva – Ainda 80 graus perto do equador, mas mais ameno em outros lugares... Cerca de vinte graus na ilha onde o computador decidiu que aterrissaríamos.

Adão – O oceano não está mais fervendo.

Eva – O planeta é habitável. Pelo menos em parte...

Adão – Habitável... mas já não habitado.

Eva – Não... Aparentemente, não há ninguém... Não há vestígios de vida humana...

Adão – Talvez alguns animais.

Eva – Peixes, provavelmente. Algumas espécies que poderiam ter sobrevivido em profundidades extremas. E que aos poucos voltariam a ser anfíbios.

Adão e Eva olham juntos para uma janela imaginária do lado do espectador.

Adão – Teremos que começar de novo.

Eva – Tentando não cometer os mesmos erros novamente...

Adão – Vejo o local onde vamos aterrissar. Até mesmo vemos uma palmeira.

Eva – Tem certeza de que não é uma macieira?

Ouve-se um estrondo e uma luz de alerta pisca.

Adão – O que é isso?

Eva – O piloto automático não está mais respondendo. Vou ao manual.

Adão – Tentaremos aterrissar suavemente.

Ambos estão ocupados em seus postos de controle. Ouve-se outro estrondo e outro sinal de alerta.

Eva – O que está acontecendo?

Adão – Os controles manuais também não estão respondendo.

Eva – "A Arca" está fora de controle. Sua trajetória está mudando. Se não nos ejetarmos agora, acabaremos no meio do oceano...

Adão – A nave não resistirá ao impacto.

Eva – Na melhor das hipóteses, naufragaremos no meio deste oceano, sem meios para chegar à costa.

Adão – O que vamos fazer?

Eva – Temos que pular. Concluir o pouso de paraquedas.

Adão – Então adeus aos últimos vestígios da civilização anterior. Chegaremos à Terra no dispositivo mais simples.

Eva – Quase como Adão e Eva...

Eles se levantam para colocar seus paraquedas e se aproximam da frente do palco, como se este fosse o lado pelo qual saltariam no vazio. Eles seguram as mãos um do outro.

Adão – Bem-vinda ao Jardim do Éden. Pronta para reinventar a Humanidade comigo?

Eva – Se sairmos disso, depende de nós decidir se faremos desta terra um inferno ou um paraíso.

Eles dão mais um passo à frente e ficam parados.

Adão – Vamos?

Eva – Vamos!

Escuro.

Flashback de dezesseis mil anos (opcional)

Orfeu e Eurídice acordam lentamente de suas respectivas caixas.

Orfeu – Já?

Eurídice – Supostamente, íamos hibernar por dezesseis mil anos...

Orfeu – Sinto que dormi uma ou duas horas.

Eurídice verifica um relógio de sol.

Eurídice – Dormimos apenas três horas...

Orfeu – Não pode ser!

Eurídice está olhando para uma tela na caixa.

Eurídice – Alguém alterou a programação que eu havia feito...

Orfeu – Adão?

Eurídice – Quem mais poderia ser...?

Orfeu – Esse idiota... e ainda está dormindo.

Eurídice – Eva também... (*Olha para a tela de sua caixa*) Vão dormir por dezesseis mil anos.

Dá um passo em direção à caixa de Adão.

Orfeu – Não se eu os arrancar à força de suas geladeiras.

Ela o impede com um gesto.

Eurídice – Espere um minuto...

Orfeu – O que você sugere?

Eurídice – Estou pensando...

Orfeu – Só precisamos reprogramar nossos dois sarcófagos.

Eurídice – Infelizmente, isso não é possível.

Orfeu – Por quê?

Eurídice – Essas caixas são de uso único.

Orfeu – E se ocupássemos seus lugares?

Eurídice – Privariamos qualquer chance deles chegarem vivos a esta nova Terra, mas isso também não salvaria nossa pele.

Orfeu – Então estamos condenados...?

Eurídice – Eu já disse, essas caixas foram projetadas para um único processo criogênico. Se os acordarmos, os condenaremos à morte, assim como a nós. Mas não poderemos ocupar seus lugares.

Orfeu – Maldito... Queria acabar com a raça humana. Finalmente, conseguiu...

Eurídice – Não, se eles sobreviverem.

Orfeu – Acredite em mim, eles não viverão muito.

Eurídice – E ao condená-los, você condenaria a Humanidade inteira!

Orfeu – Não entendo... Por que ele fez isso?

Eurídice – Porque esse sujeito é maligno. Ao fazer isso, ele não terá matado ninguém. E espera nos transformar em assassinos. Ele coloca o destino da Humanidade em nossas mãos.

Orfeu – E o que acontecerá conosco?

Eurídice – Não podemos voltar para a Terra, nada nos espera lá.

Orfeu – E ainda estamos a dezesseis mil anos-luz de nosso planeta anfitrião...

Eurídice – Temos oxigênio e comida apenas por algumas semanas... Supostamente, íamos hibernar, os quatro.

Orfeu – Vou matá-lo...

Ela pega a arma.

Eurídice – Não, eu vou ter que matar você.

Ela aponta para ele.

Orfeu – Mas... por quê?

Eurídice – Para que ambos possam viver. E para que a Humanidade tenha a chance de sobreviver com eles. Apesar de tudo...

Orfeu – Por favor, não faça isso.

Eurídice atira. Orfeu cai. Eurídice fica em pé em frente à janela, de frente para o público, admirando o espetáculo das estrelas. Música.

Escuro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Bem está o que mal começa
Bem-vindos a bordo!
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Crash Zone
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
Denominação de Origem Não Controlada
Encontro na plataforma
Euro Star
Flagrante Delírio
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Joker
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Plágio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um pequeno assassinato sem consequências
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Outubro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-023-0

Documento para download gratuito